Maurício Tragtenberg

TRAGTENBERG E A RESISTÊNCIA DA CRÍTICA:

PESQUISA E ENSINO NA ADMINISTRAÇÃO HOJE

Ana Paula Paes de Paula
Mestre em Administração de Empresas pela FGV-EAESP,
Doutoranda no IFCH-Unicamp e Pesquisadora da Fapesp.
E-mail: appaula@uol.com.br

Espírito crítico e generoso, intelectual autodidata de grande erudição e humildade, Maurício Tragtenberg sempre despertou controvérsias, entusiasmo e admiração. Até hoje, é impossível ficar indiferente à sua vida e obra. Seus contemporâneos recordam-se dele com saudade e os que não tiveram oportunidade de conhecê-lo contagiam-se com a força de sua história pessoal e de suas idéias. Circulando com "formosa liberdade" (Cândido, 1956) entre Marx, Weber e autores anarquistas, Tragtenberg deixou-nos como legado valiosos escritos no campo da teoria das organizações e das Ciências Sociais. Sua obra comprova que as idéias não envelhecem, apenas adquirem novas nuanças, demonstrando que é um equívoco acreditar que textos antigos são inevitavelmente datados e "empoeirados".

A resistência de seu pensamento à ação do tempo também reafirma a importância dos clássicos como fonte de inspiração para a interpretação da realidade atual e para o desenvolvimento de novas teorias. Nestes tempos de excessiva relativização das idéias que orientam o pensamento sociofilosófico, seu marxismo heterodoxo é uma referência fundamental para a academia, pois indica um caminho possível para conciliar de modo crítico e rigoroso vertentes teóricas diversas.

Sempre engajado na causa da liberdade, Tragtenberg analisou em profundidade a questão da dominação nas organizações. Baseando-se no pensamento weberiano, considera o poder a faculdade de dispor de força ou autoridade para impor deveres. Já a dominação seria um tipo especial de poder em que as vontades do dominador são incorporadas pelos dominados, seja por medo, costume ou pela possibilidade de obter vantagens pessoais. A diferença é sutil, mas relevante, pois indica que é possível exercer o poder ainda que existam resistências, mas que só há dominação quando se obtém o consentimento ou a subordinação das pessoas.

Para superar a dominação, Tragtenberg apostava no poder transformador da educação, defendendo uma pedagogia libertária que valoriza, sobretudo, a autonomia e a determinação humanas. Consciente dos desafios que essa pedagogia representava para o sistema educacional de um modo geral, e particularmente para as universidades, o autor acreditava que a alternativa era "a criação de canais de participação real de professores, estudantes e funcionários no meio universitário, que oponham-se à esclerose burocrática da instituição" (Tragtenberg, 1979, p. 23).

A ênfase na necessidade de uma participação real revela uma outra grande preocupação do autor: o caráter manipulatório da autogestão e do "participacionismo" (Tragtenberg, 1980). Na sua visão, a sedução promovida pela abertura de canais de participação e pelo discurso democrático oculta novas formas de dominação, de modo que, para efetivar a participação, é fundamental transcen-

der a falsa democratização, desvendando as armadilhas presentes nos mecanismos formais e na retórica participativa.

No final da década de 70, baseado nessas percepções e atento às relações cada vez mais opressivas e desiguais entre professores, alunos e burocratas do ensino, ele denunciou a existência de uma "delinqüência acadêmica" nas universidades (Tragtenberg, 1979). Na sua visão, os professores e pesquisadores exibiam pouca preocupação com as finalidades sociais do conhecimento, construindo um saber técnico aparentemente neutro e apolítico, mas utilizado como instrumento de poder. Monopolistas de um pretenso saber hegemônico, estes mantinham suas posições por meio da constituição de "panelas acadêmicas," nas quais a produção de um artigo era o "metro para medir o sucesso universitário" e os congressos "mercados humanos" propícios para "contatos comerciais".

PARA DESENVOLVER A ADMINISTRAÇÃO COMO CAMPO DO CONHECIMENTO, É FUNDAMENTAL CRIAR UM SABER TEÓRICO PRÓPRIO, QUE RECRIE E UTILIZE OS CONTEÚDOS ANALÍTICOS DISPONÍVEIS PARA EXAMINAR OS FENÔMENOS ORGANIZACIONAIS LOCAIS.

Tragtenberg também alertou para o risco de o tecnicismo superar o humanismo, transformando as universidades em "multiversidades", ou seja, "multinacionais da educação" que, ao "mercadorizarem" o ensino, se afastam de seu papel social. Assim, os fins formativos são deixados em segundo plano, a criação do conhecimento cede lugar ao controle quantitativo de sua produção e o desempenho dos professores e alunos é mais valorizado do que o aprendizado, de modo que a universidade se transforma, como afirma Tragtenberg parafraseando Lima Barreto, em um "cemitério de vivos".

Ao denunciar a delinqüência acadêmica, Tragtenberg enfatizava a questão da responsabilidade social das instituições educacionais, dos professores e dos pesquisadores, destacando o papel da universidade na formação cidadã e na produção do conhecimento. Por esse motivo, alertava para a crescente deterioração do ambiente acadêmico, questionando os rumos do ensino e da pesquisa em sua época.

A crítica de Tragtenberg resistiu ao tempo e continua incomodando, não porque pareça despropositada, mas justamente porque reflete uma situação que sobreviveu a mudanças. Sua análise ainda se aplica às universidades de um modo geral e adquire maior veracidade no contexto das escolas de Administração, onde, além do saber enfrentar o crônico viés do tecnicismo, a "indústria do *management*" (Wood Jr., 2001a) estimula todas suas formas de comercialização.

PESQUISA E ENSINO DA ADMINISTRAÇÃO: UMA DELINQÜÊNCIA ACADÊMICA REVITALIZADA?

As diretrizes curriculares básicas recomendadas pelo Ministério da Educação para os cursos de graduação em Administração apontam que o processo pedagógico deve garantir que o futuro administrador tenha, além de habilidades técnicas, uma formação humanística, pois ele deve estar apto a tomar decisões compreendendo o meio onde está inserido.

O administrador deve ser capaz de analisar as organizações e antever mudanças. Valores como responsabilidade social, justiça e ética profissional também são relevantes. Além disso, o administrador deve ter consciência da grande influência de suas decisões sobre as esferas social, política, econômica e ecológica. Tal perfil demanda uma sólida formação teórico-analítica, o que se traduz na necessidade de ter instituições de ensino que privilegiem a pesquisa e que orientem o processo de aprendizado para o desenvolvimento da cidadania.

Nas últimas décadas, o crescente *status* das posições gerenciais, entre outros fatores, aumentou a procura pelos cursos de Administração. A questão da qualidade também ganhou relevância, ocupando lugar na retórica, e eventualmente na prática, dos dirigentes das instituições de ensino. Entretanto, um exame de realidade atual evidencia que ainda há um longo caminho a percorrer e comprova a persistência de traços da delinqüência acadêmica na pesquisa e ensino da Administração no país.

PESQUISA: EM BUSCA DE TEORIAS E TÉCNICAS APROPRIADAS

No campo da pesquisa, um levantamento realizado por Bertero e Keinert (1994) sobre a produção acadêmica publicada pela *RAE – Revista de Administração de Empresas,* entre 1961 e 1993, comprovou que a produção nacional nesse período foi de reduzida originalidade e

©2001, *RAE - Revista de Administração de Empresas*/FGV/EAESP, São Paulo, Brasil.

baseada predominantemente nos cânones do *mainstream* internacional. Para os autores, assim como para Vergara e Souza (1995) e Martins (1996), essas constatações reafirmam nossa posição de consumidores, repetidores e divulgadores de idéias, teorias e modismos produzidos fora do país. Tais constatações também demonstram a atualidade das idéias anteriormente defendidas por Guerreiro Ramos (1958).

Bertero e Keinert (1994) também identificaram um foco na elaboração acadêmica em detrimento da técnica e da aplicação gerencial, posição igualmente sustentada pelo trabalho de Machado-da-Silva, Carneiro da Cunha e Ambon (1990). Adicionalmente, Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) sugerem que, nos últimos anos, ocorreram poucas mudanças. Os autores advogam que muitos dos trabalhos nacionais são apenas exercícios de autodesenvolvimento, sem relevância para a construção de conhecimento teórico ou prático na área. Também questionam se não estaria havendo um esvaziamento da finalidade da pesquisa, uma vez que muitos dos trabalhos parecem ser escritos apenas para apresentação e publicação e não são utilizados como referência em investigações posteriores.

Os autores observam que a Administração em todo o mundo ainda está em uma fase de construção teórica preliminar, não tendo se desenvolvido da mesma forma que as outras ciências sociais. Por outro lado, apontam o atraso brasileiro e reconhecem a existência de um consenso quanto à fragilidade de nossa produção científica, que não tem sido bem-sucedida na consolidação de teorias e acúmulo de conhecimentos, pois explora pouco as vertentes teóricas alternativas ou emergentes dos principais centros de pesquisa internacionais e permite-se permear pelo gerencialismo dos *best-sellers* de Administração.

As pesquisas citadas apontam para uma revitalização da delinqüência acadêmica denunciada por Tragtenberg. Reproduzindo o saber tecnicista cultivado pelo *mainstream* internacional e presente nos livros promovidos pela "indústria do *management*", pesquisadores e professores deixam de cumprir seu papel social, pois não contribuem para a evolução do conhecimento e aparentemente produzem apenas para manter e cultivar seu *status* acadêmico.

Por outro lado, no vácuo do saber escassamente produzido, perpetua a lógica "mercadorizante" na produção de artigos e na participação em congressos. Essa lógica é bastante agravada pela "glamourização" de tudo o que se relaciona ao *management*, que por vezes transforma eventos de caráter científico em meros acontecimentos sociais. E não há como negar a persistência das "panelas acadêmicas": temos que reconhecer que ainda são necessárias muitas mudanças para uma real democratização do ambiente universitário.

Nos últimos anos, notamos um movimento de reação por parte de algumas instituições e pesquisadores, principalmente no que se refere às tentativas de estimular pesquisas no campo da cultura e dos estudos organizacionais. O lançamento da edição brasileira do *Handbook of Organization Studies* (Clegg, Hardy e Nord, 1999) comprova esse esforço ao transcender a mera tradução, incluindo notas técnicas de autores nacionais. Do mesmo modo, o crescimento da área de Organizações nos últimos encontros da Anpad (Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração) e a criação do Eneo (Encontro Nacional de Estudos Organizacionais) em 2000 também sinalizam a vitalidade das pesquisas no campo.

NÃO HÁ COMO APRENDER ADMINISTRAÇÃO SEM DOMINAR E SIMULAR CONTEÚDOS TÉCNICOS. PORÉM, A EXAGERADA ÊNFASE TECNICISTA EM UM CONTEXTO DE ACELERADAS TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS LEVARÁ MAIS ADIANTE À OBSOLESCÊNCIA PREMATURA DOS PROFISSIONAIS.

A difusão de correntes teóricas como o contingencialismo, o neo-institucionalismo, a teoria crítica e a abordagem pós-moderna está contribuindo para aumentar a qualidade de nossa produção acadêmica, uma vez que pluralizou o debate, tornando-o mais matizado e consistente. No entanto, se não dialogarmos criticamente com essas abordagens, persiste o risco de continuarmos como seguidores e reprodutores. A imitação, de fato, impede a criação de teorias capazes de interpretar o mundo que nos circunda e de gerar soluções que transformem a realidade existente.

Para desenvolver a Administração como campo do conhecimento, é fundamental criar um saber teórico próprio, que recrie e utilize os conteúdos analíticos disponíveis para examinar os fenômenos organizacionais locais. Este saber deve evoluir com a apropriação "esclarecida" do conhecimento desenvolvido no exterior e com a realização de trabalhos de desenvolvimento teórico e empírico.

ENSINO: A "MULTIVERSIDADE" E O "CEMITÉRIO DE VIVOS"

Infelizmente, ainda são raras as investigações sobre o ensino de Administração no Brasil, principalmente no que se refere ao conteúdo dos cursos de graduação e pós-graduação. Ainda assim, alguns pontos são de fácil constatação: primeiro, a desatualização generalizada dos conteúdos; segundo, a adoção "despudorada" de fórmulas prontas e modismos administrativos.

Nas escolas de Administração locais, os conteúdos que se desenvolveram no campo da gestão empresarial durante o século XX costumam ser reproduzidos sem reflexão ou contextualização histórica. Prevalece, assim, a difusão sem análise crítica de conhecimentos nem sempre atuais. Os esforços de atualização restringem-se a lançamentos de *handbooks* e outros livros didáticos, geralmente traduções de obras próprias do *mainstream* norte-americano.

O fato de não produzirmos pesquisa em quantidade, qualidade e originalidade suficientes limita o conteúdo daquilo que ensinamos. Alimenta-se, assim, a percepção de que a Administração é uma área fundamentalmente instrumental e já "globalizada". Como efeito colateral, é reforçada a aversão pelo estudo dos clássicos e de textos mais complexos. Desta forma, consolida-se a prática de reprodução e disseminação de um saber acrítico e descontextualizado.

Não é, portanto, surpreendente a fácil inserção que os livros populares de gestão encontram também no meio acadêmico. Num ambiente caracterizado, por um lado, pelo vazio de idéias críticas e, por outro, pela demanda de soluções de problemas concretos, livros de receitas e fórmulas encontram terreno fértil.

Outro ponto relevante a considerar é o caráter instrumental e tecnicista do ensino da Administração, especialmente em nível de graduação. Não há como aprender Administração sem dominar e simular conteúdos técnicos. Porém, a exagerada ênfase tecnicista em um contexto de aceleradas transformações tecnológicas levará mais adiante à obsolescência prematura dos profissionais. De fato, somente a formação de um caráter crítico-analítico poderá garantir no futuro um desempenho profissional adequado. Visão ampla, capacidade de definir e estruturar problemas, postura ética, capacidade de inovar e outras características só virão de uma experiência de aprendizagem que tenha cunho humanista.

O caráter instrumental e tecnicista do ensino também gera necessidade de constantes reciclagens profissionais para atualização de conhecimentos técnicos e contato com "idéias de vanguarda". Com isso, o ensino da Administração tornou-se um negócio de crescimento e lucros invejáveis.

Analisando esse quadro num ensaio sobre tendências no ensino da Administração, Alcadipani e Bresler (2000) argumentam que está ocorrendo um processo de "macdonaldização". Nesse processo, a tecnologia de *fast-food* é utilizada para padronizar informações e maximizar a quantidade de alunos. Nas "universidades-lanchonete", professores "adestrados" utilizam recursos pirotécnicos para apresentar "receitas de bolo" e "doutrinas sagradas" dos manuais de *management.* Objetivo: *fast-imbecilizar* os estudantes. Conseqüência: embotamento da visão crítica e do pensamento analítico, com a criação de hordas de profissionais que cultuam símbolos superficiais de poder e *status.*

Os autores também sugerem que, na "universidade de resultados", o que importa não é a qualidade da produção e da formação, mas os números de cursos, matrículas, aprovações. De fato, algumas faculdades e universidades estão sendo administradas como se fossem grandes corporações, onde o aluno é um cliente dentro do "negócio educação", e o objetivo é formar o técnico profissional, e não o profissional cidadão.

Diante desse cenário, podemos dizer que as "multiversidades" profetizadas por Tragtenberg se tornaram realidade, reafirmando a perenidade e vitalidade da delinqüência acadêmica. Nelas o conhecimento perde espaço para a informação, que é comercializada em pacotes padronizados para atender ao crescente "mercado de alunos". Valorizando conteúdos pobres, eventualmente embalados de forma vistosa, as "multiversidades" inibem o desenvolvimento da autonomia intelectual dos estudantes e afastam-se do compromisso social de formar profissionais críticos e engajados.

Além de suportar essa maçante padronização do ensino, os alunos também sofrem com o ambiente extremamente competitivo das escolas de *business*, permeadas por valores como o individualismo e o culto do sucesso. Caracterizada por uma lógica instrumental e "mercadorizante", as escolas de Administração desvinculam-se de seu papel social. O resultado é a insatisfação dos alunos com o curso, pois, justamente no momento em que procuram a sua própria razão de ser por meio da profissão, são sistematicamente alienados dela.

Os professores, por sua vez, pressionados a adequar-se às demandas de um mercado de trabalho que exige produtividade e sintonia com a "indústria do *management*", tendem a repelir teorias e posturas mais críticas. Com o desencantamento do corpo docente e discente, as instituições de ensino em Administração se tornam "cemitérios de vivos", onde a consciência do poder de trans-

formação da realidade se perde e tudo o que resta é a luta pela sobrevivência profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há mais de 20 anos, Tragtenberg tentou nos advertir sobre a necessidade de conter a progressiva delinqüência acadêmica que se desenvolvia nas universidades. Ao longo deste ensaio, utilizamos o seu pensamento e as reflexões de alguns pesquisadores brasileiros para demonstrar que essa delinqüência persiste no âmbito da pesquisa e ensino da Administração no Brasil. Assim, superá-la ainda é um desafio do nosso tempo e envolve um resgate da responsabilidade social das instituições educacionais, dos professores e dos pesquisadores, a fim de garantir a formação cidadã dos administradores, capacitando-os para tomar decisões que não somente atendam às necessidades empresariais, mas que também beneficiem a sociedade.

Para isso, é fundamental pensar criticamente sobre os rumos da pesquisa e do ensino da Administração no país. Estimular a produção de um saber local seria o primeiro passo para mudar a situação do ensino. É justamente neste vácuo de idéias que prosperam os modismos administrativos e as fórmulas prontas, que ocupam espaço de abordagens teórico-analíticas essenciais a uma formação mais sólida e humanística.

Além de adensar os conteúdos, também é importante evoluir em termos de didática. Examinando o campo de Produção e Administração de Operações, Wood Jr. (2001b) sugere que métodos anacrônicos de ensino persistem, mas que estão surgindo algumas inovações bem-sucedidas, principalmente aquelas que deslocam o foco do ensino para a aprendizagem, do professor para o aluno. Também neste sentido, Tragtenberg (1978) tem muito a nos dizer com sua defesa do autodidatismo e da pedagogia libertária, especialmente porque também está atento para as armadilhas da autogestão e do participacionismo.

Nesta breve discussão, apresentamos idéias e argumentos que poderão ser objeto de futuro desenvolvimento. Nosso objetivo foi provocar o debate evocando os legítimos alertas de Maurício Tragtenberg sobre questões cruciais que persistiram e ganharam relevância em nosso campo de atuação. A resistência de suas críticas relaciona-se à permanência, ainda que em novas roupagens, da lógica de dominação nas organizações. Suas obras continuam emanando a força de suas proposições libertárias. ❍

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCADIPANI, R., BRESLER, R. A MacDonaldização do ensino. *CartaCapital*, n. 122, p. 20-24, 10 maio 2000.

BERTERO, C. O., CALDAS, M. P., WOOD JR., T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 3, n. 1, p. 147-178, jan./abr. 1999.

BERTERO, C. O., KEINERT, T. M. M. A evolução da análise organizacional no Brasil. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v. 34, n. 3, p. 81-90, maio/jun. 1994.

CÂNDIDO, A. Prefácio. In: TRAGTENBERG, M. *Planificação:* desafio do século XIX. São Paulo : Senzala, 1956.

CLEGG, S., HARDY, C., NORD, W. *Handbook de estudos organizacionais:* modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. Organizada por Miguel P. Caldas, Roberto Fachin e Tânia Fischer. São Paulo : Atlas, 1999.

MACHADO-DA-SILVA, C., CARNEIRO DA CUNHA, V., AMBON, N. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 14., 1990, Florianópolis. *Anais*... Belo Horizonte : Anpad, 1990. V. 6: Organizações, p.11-28.

MARTINS, G. Epistemologia da pesquisa em administração. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 20., 1996, Angra dos Reis. *Anais*... Rio de Janeiro : Anpad, 1996.

RAMOS, G. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro : MEC/ISEB, 1958.

TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. *Educação & Sociedade*, ano II, n. 1, p. 17-49, set. 1978.

TRAGTENBERG, M. *A delinqüência acadêmica*: o poder sem saber e o saber sem poder. São Paulo : Rumo, 1979.

TRAGTENBERG, M. *Administração, poder e ideologia*. São Paulo : Moraes, 1980.

VERGARA, S., SOUZA CARVALHO JR., D. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 19., 1995, João Pessoa. *Anais*... Salvador : Anpad, 1995. Organizações: p.169-188.

WOOD JR., T. *Organizações espetaculares*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2001a.

WOOD JR., T. Teaching and learning production and operations management: the journey from identity crisis to a cross-disciplinary approach. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v. 41, n. 1, p. 67-75, jan./mar. 2001b.